

Crítica // *Os Fabelmans* ★★★★★

# O material dos sonhos

Premiado com o Globo de Ouro, *Os Fabelmans* é o mais autobiográfico filme de Spielberg

Ricardo Daehn

“Tudo acontece por algum motivo” é a frase de Mitzi (Michelle Williams), a mãe do protagonista de *Os Fabelmans*, quase intuindo o destino do jovem Sammy (o excelente Gabriel LaBelle) que, nada ao acaso, persegue a vocação de se tornar cineasta. Um alter-ego do mago do cinema Steven Spielberg, condutor do filme (premiado com o Globo de Ouro de direção e filme), Sammy tem jornada singular, como norte de sua afirmação e independência. Ainda criança, Sammy se vê nutrido pelo cinema de Cecil B. De Mille, em especial, com o primeiro filme que assiste: *O maior espetáculo da Terra* (1952). Ao lado dele, na seção inaugural, estão os cabeças da amalucada família Fabelman, que vem aos moldes das representadas nos filmes de Woody Allen. Aos 76 anos, a maturidade de Spielberg é incontestável.

Burt (Paul Dano), no filme, é o patriarca, aficionado por tecnologia, e que se mostra paciente em entender os estados emocionais de Mitzi. “Você (Sammy) me enxerga de verdade”, reforça a mãe, com quê lunático, e sempre atenta à rara sensibilidade do filho. De

UPI MEDIA/DIVULGAÇÃO



posse de uma câmera 8mm, ele organiza a imaginação, e aplina a ansiedade presente no primeiro contato com a sétima arte. No desenvolvimento da gramática do cinema, Sammy aperfeiçoa o empreendedorismo, neste conto de autoconfiança e de segredos em família que, no roteiro, conta com o talento de um colaborador frequente de Spielberg, o prestigioso Tony Kushner. Para além da intuição no contato com atores e da lida com a mesa de edição, Sammy terá, na carreira ainda amadora, a revelação do poder da plateia, nos bancos escolares. Cenas como a da projeção de imagens na palma da mão do personagem e os brinquedos com marionetes, desde já, icônicas, reclamam certa origem no cinema de Ingmar Bergman, ainda que, dado o amor por

filmes como *O homem que matou o facinora*, *Depois do vendaval* e *Rastros de ódio*, Spielberg esclareça a predileção pela clássica obra do cineasta John Ford.

Fundindo a realidade com o doce fruto do imaginário, Sammy administra as crises de família e constitui o que chama de ponto de vista. Amigo da família, o chamado “tio” Bennie (Seth Rogen) desafia moralismos na trama do mesmo diretor de *O resgate do soldado Ryan*, que explora temas como antissemitismo e o registro do primeiro amor. Coadjuvante de peso, Mônica (a hilária Chloe East) se afirma como a namorada, capaz de fazer Sammy “encontrar Jesus”, nem que seja numa joalheria, em forma de cordão de ouro (para valioso presente). Afrontas, desrespeitos, egoísmo e os pilares da arte preenchem

a telona, no exemplar filme de Spielberg.

O poder de imagem e o amor paterno (Paul Dano emociona, na cena em que diferencia simples “cuidado” de “amor”) desfilam em *Os Fabelmans*. Entre conflitos de pais e filhos, o longa aposta na capacidade do perdão (“Culpa é uma emoção desperdiçada”, reforça Mitzi, a mãe). Com direito a ensolaradas aventuras encenadas em praia californiana, *Os Fabelmans*, na raiz, examina o sufocamento exercido por pressões familiares. Neste sentido, é um bálsamo atentar para a bacana visita do tio Boris (Judd Hirsch), um antigo auxiliar de circo, que enuncia (para Sammy): “A arte é a nossa droga”. Quase uma senha para o sobrinho-neto trocar o hobby com as câmeras pela visão de profissionalismo.

**Gabriel LaBelle é o grande destaque no elenco do novo filme de Spielberg**